



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**ALINE DA SILVA ESPINDOLA CABREIRA**

**IDENTIDADE: DIALOGANDO COM O OLHAR INDÍGENA NA  
COMPREENSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**DOURADOS-MS**

**2014**

ALINE DA SILVA ESPINDOLA CABREIRA

IDENTIDADE: DIALOGANDO COM OLHAR INDÍGENA NA  
COMPREENSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Msc. Adma Cristhina Salles de Oliveira.

DOURADOS-MS

2014

C123i Cabreira, Aline da Silva Espindola

Identidade: dialogando com olhar indígena na compreensão da língua portuguesa / Aline da Silva Espindola Cabreira.

Dourados, MS: UEMS, 2014.

48p. ; 30cm

Monografia (Graduação) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2014.

Orientadora: Prof. Msc. Adma Cristhina Salles de Oliveira.

1. Interculturalidade 2. Guateka. 3. Língua portuguesa I. Título

CDD 23.ed. - 469

ALINE DA SILVA ESPINDOLA CABREIRA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

IDENTIDADE: DIALOGANDO COM OLHAR INDÍGENA NA  
COMPREENSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

APROVADO EM: 10/Dezembro /2014.

---

Orientador: Prof. Msc. Adma Cristhina Salles de Oliveira.  
UEMS/Dourados

---

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues  
UEMS/Campo Grande

---

Prof. Msc. João Machado  
UFGD/Dourados

## Dedicatória

Dedico este trabalho àquele que merecedor de toda honra e glória, O meu grandioso DEUS.

## Agradecimentos

Primeiramente a Deus pelo dom da vida, pela oportunidade proporcionada por Ele e principalmente a sabedoria, sem a qual este trabalho não seria realizado.

Aos meus pais Enir e Itrio, por terem me concedido a vida e por me sustentarem durante anos sem negar ajudar, sem estas pérolas de DEUS em minha vida não estaria aqui.

Ao meu marido Jânio e minha filha Alice que foram os meus alicerces, e o motivo para a caminhada da minha vida acadêmica.

As minhas amigas inseparáveis Lucilene Gagliotti e Geralva Barcelos por estarem ao meu lado, sempre me apoiando, agradeço ao carinho e amor recebido de ambas.

A professora e orientadora Adma Cristhina Salles de Oliveira, pelo acompanhamento de minha vida acadêmica, pelo apoio, companheirismo, confiança e paciência na realização do trabalho.

## Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo abordar o uso da Língua Portuguesa no contexto da linguagem dos GUATEKA, isto é, das etnias Guarani, Terena e Kaiowá. Nosso trabalho dialoga com a educação escolar intercultural indígena, abordando a alfabetização, letramento, a constituição da identidade indígena, suas representações históricas culturais, presente nas vozes Guateka. O espaço deste diálogo é a Escola Estadual Intercultural de Ensino Médio Guateka Marçal de Souza, nome de um grande líder indígena. A metodologia desta pesquisa está inspirada na etnografia, pois contempla a escuta das vozes indígenas. Apresentaremos o olhar dos Guateka sobre as dificuldades da língua portuguesa nas suas comunidades. Por meio das análises realizadas e pela escuta das vozes presentes nas três etnias podemos considerar a interpretação dessas vozes e suas representações culturais nos saberes da Língua Portuguesa e da Língua Materna.

**Palavras chave:** Interculturalidade; Guateka; Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

This paper aims to study the use of the Portuguese Language in the context of GUATEKA, i.e. of the ethnical group Guarani, Terena and Kaiowá. Our study is related with Indian intercultural schooling as far as literacy, the constitution of Indian identity, its historical and cultural representations present on the Guatekas's voices. The space of this dialogue is Escola Estadual Intercultural de Ensino Médio Guateka Marçal de Souza, named after a great Indian leader. The methodology of this research is inspired on the ethnography, based on the Indian voices. We shall present the Guatekas' visions about the difficulties of using the Portuguese language faced on their communities. Through the developed analysis and by the listening to the voices of these three ethnical groups, it is considered the interpretation of these voices and their cultural representations facing on the knowledge of Portuguese Language and their Native Language.

**Keywords:** Interculturalidade; Guatekas; Portuguese Language.



## Sumário

CAMINHOS INTRODUTÓRIOS.....	11
1.0 CAPÍTULO I A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA E SUAS REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS CULTURAIS, PRESENTE NAS VOZES DA ALDEIA JAGUAPIRU.....	15
1.1 De que Lugar Estou Falando?.....	16
CAPÍTULO II BREVES APORTES HISTÓRICOS: DO ENTENDIMENTO À ALFABETIZAÇÃO AO CAMINHO DO LETRAMENTO.....	21
CAPÍTULO III ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NA ESCOLA ESTADUAL INTERCULTURAL DE ENSINO MÉDIO GUATEKA MARÇAL DE SOUZA E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	26
3.1 Espaço Físico da Escola.....	28
3.2 Corpo Docente.....	29
3.3 Missão Da Escola.....	30
3.4 A Língua Portuguesa Para Os Indígenas: Uma Problemática?.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS.....	46

## Lista de Siglas

EJA-Educação de Jovens e Adultos;

FUNAI- Fundação Nacional do Índio;

GUATEKA- Referência às etnias Guarani, Terena e Guateka;

LDB- Lei de Diretrizes e Bases;

PPP- Projeto Político Pedagógico

RCNEI- Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas;

SED/MS- Secretaria do Estado de Mato Grosso do Sul;

SEMED-Secretaria Municipal de Educação de Dourados;

SESAI- Secretaria Especial de Saúde Indígena;

SPI- Sistema de Proteção aos Índios;

## Caminhos Introdutórios

No Brasil, as nações indígenas, ao longo dos anos fortaleceram seus direitos e valorizações de suas línguas e culturas, além da inserção na sociedade urbana, o que acarreta o aprendizado de uma nova língua para a possível comunicação.

As etnias Guarani, Terena e Kaiowá (GUATEKA) enfrentam dificuldades em relação à língua portuguesa, mais especificamente nas aldeias douradenses. Sabe-se que grande parte dessa população está parcialmente desvinculada à língua indígena, entretanto ao se depararem com situações culturais de identificação na valorização da língua materna, encontram dificuldade em apropriar-se da linguagem no uso da língua portuguesa.

Nossa pesquisa tem como objetivo apresentar algumas problemáticas da Língua Portuguesa no contexto da linguagem dos Guateka. Por meio da etnografia enuncia-se a situação do convívio indígena douradense com a língua portuguesa. As informações correspondentes ao tema permitem entender historicamente as dificuldades vivenciadas pelas etnias dentro e fora das aldeias;

A Pesquisa etnográfica caracteriza-se como: relato de experiências de vida. Conforme Ferreira (1986) etnografia é definida como “estudo e descrição dos povos, sua língua, raça, religião e manifestações materiais de sua atividade; descrição da cultura material dum determinado povo”. Ou seja, é a descrição de determinados aspectos culturais.

Em conformidade com nossa abordagem pode-se entender que a etnografia está ligada à descrição de aspectos culturais, e está arraigada desde os tempos coloniais. Nesse viés colonial, o processo de alfabetização indígena herda vicissitudes culturais não indígenas as quais oprimem os verdadeiros valores culturais étnicos das três Nações: Guarani Terena e Kaiowá. A busca em desconstruir a lógica oligárquica do colonialismo, defendendo a descolonidade cultural, ou seja, valorizando seus costumes, línguas e outros aspectos culturais pertencentes a um esquecimento e apagamento histórico desde o Brasil- colônia que promoveram extermínio dos valores humanos, materiais de sentido temporal (Merleau Ponty- 1977) e sobrevivência indígena.

Neste diálogo abordaremos no primeiro capítulo um memorial descritivo relatando minhas identificações, incluo-me e pertencço à nomenclatura dos Guateka, pois cada índio hoje é considerado uma história viva de sua etnia, história que foi

exterminada, e sequestrada pelo poder colonial. Vivemos em tempos de descolonização de valorização a diferentes saberes, necessitamos contar e recontar a história destas nações, respeitando a interculturalidade das diferentes línguas.

Prosseguindo nossa pesquisa, faremos um breve relato fundamentado nos aspectos históricos na visão do não indígena, sobre as problemáticas culturais, históricas, políticas, sociais e educacionais.

No segundo capítulo sobrevoaremos brevemente os aportes sobre e alfabetização e letramento, base da discussão da nossa pesquisa no campo educacional.

O terceiro está relacionado à trajetória histórica da Escola Estadual Intercultural de Ensino Médio Guateka Marçal de Souza, descreveremos a infraestrutura e destacaremos os benefícios de se investir no letramento e na alfabetização em um contexto rico de diversidade cultural. Por meio do depoimento da comunidade escolar (mãe e pais de alunos e alunos que estão em curso) falantes e não falantes da língua materna, com idades diferenciadas, enunciamos a problemática das três etnias.

Para finalizar nosso trabalho, comentaremos algumas características sobre a linguagem, considerando as vozes dos participantes.

É importante ressaltar que ao conceituar uma escola Intercultural, defendemos outro olhar na construção do currículo escolar. Em outras palavras, este outro olhar é o instrumento modificar na questão curricular.

De acordo com (MEGALE, Apud CIAMPA, 1990, p. 153), sempre há um discurso atribuído por meio do 'Outro'. A teórica refere-se à identidade atribuída e mediada pelo Outro. Sendo assim, o indivíduo carrega em si o conhecimento compartilhado construído e adquirido socialmente sobre as expectativas do outro.

Seguindo esse fio condutor de conhecimento, a grande problemática em questão é que herdamos resquícios do período colonial de imposição linguística, pois o mesmo foi instaurado pela força da barbárie, excluindo as línguas destas nações indígenas, acreditando que eram inferiores diante da força dominante do ocidente.

Na realidade, a língua é uma grande relação de poder que domina os povos. A ignorância social e tem-se a intenção da invisibilidade da língua, como primeira premissa, para desconfigurar a organização social. Como ideologia de poder, a língua, ela determina o caminho a ser percorrido pela criança. Portanto, um dos motivos para descaracterizar a aprendizagem da criança é a imposição social. Outro motivo para a criança não aprender é existência de um estereótipo que dificulta a estimulação do exercício da língua. A própria família e a instituição escolar rompem com esse processo de aprendizagem, causando empecilhos que desidentificam a aquisição da língua

materna em relação à Língua Portuguesa. De acordo com a estudiosa Antonieta Heyden Megale podemos afirmar que: "Estudos concordam que quanto mais cedo uma criança entrar em contato com uma segunda língua, maior a probabilidade de adquirir um domínio elevado desse idioma".

Considera-se, portanto, que uma criança que aprende mais de uma língua, amplia a sua plasticidade cognitiva, portanto desenvolve maior habilidade nas relações dos objetos com o mundo que a cerca. Podemos dialogar com a estudiosa nas seguintes afirmações:

(...) o contato entre as línguas e culturas engloba uma diversidade de casos:  
 (...) o indivíduo fala uma língua em casa e esta é diferente da língua falada na comunidade ou sociedade;  
 (...) o indivíduo fala duas línguas em casa, sendo uma delas a língua da comunidade ou da sociedade;  
 (...) o indivíduo fala duas línguas em casa e ambas são utilizadas em duas comunidades em contato na sociedade;  
 (...) o indivíduo fala duas línguas em casa e nenhuma delas é utilizada na comunidade ou sociedade. (MEGALE, APUD HARMERS E BLANC (2000, p. 118),

Quando há pelo menos o contato entre duas línguas numa determinada nação, seja ela indígena ou não, há relações de poder entre os grupos etnolinguísticos, podem contribuir para identidade e identificação cultural da criança indígena ou não, isto depende dos significados das relações. Nas sociedades orientais (Africanas, Indígenas,...) o caos é considerado uma purificação para a aquisição da aprendizagem, ao contrário da concepção ocidental, que rechaseia a construção da anomalia nas relações sociais. Por esse motivo, podemos interpretar e analisar os fragmentos defendidos pela estudiosa.

No primeiro fragmento, podemos entender que o conflito é uma situação natural no início do apoderamento das línguas, pois a criança determina as relações de acordo com as fases do seu desenvolvimento, fases estas que transitam de forma natural no ser humano.

No segundo fragmento, podemos perceber, em conjunto com as vozes dos Guatekas, que às vezes um indivíduo fala seu idioma em casa, e quando está fora desse ambiente não utiliza esse idioma, por questões de interação e imposição social da língua dominante.

Em outras situações, como destacada no terceiro fragmento, um determinado indivíduo dialoga na sua comunidade por meio de duas línguas, sendo que uma delas é a língua da comunidade em que está inserido.

Existem ainda, aqueles que falam duas línguas e utiliza as duas com a mesma frequência para o dialogo familiar e comunitário. Por fim, há outros que mesmo falando duas línguas não as utilizam na sociedade em que estão inseridos.

Em relação ao sincretismo da linguagem indígena dos Guateka, existem nomenclaturas generalizadas, isto não significa que as singularidades da língua não foram preservadas, mas foram cindidas como forma de sobrevivência linguística. Pergunta-se, portanto, quem é este sujeito cindido? Qual a grande diferença dele em relação ao falante? O que determina ser indígena?

## CAPÍTULO I

### A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA E SUAS REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS CULTURAIS, PRESENTE NAS VOZES DA ALDEIA JAGUAPIRU

A construção da identidade é algo que permeia a construção do homem, este por si só, somente encontra sentido na ação e reconstrução cultural quando dialoga com outras identidades. (BHABHA, 2004, HALL, 2003.)

Rever a trajetória de minha vida é constituir-me ainda mais como Guateka, pois perceberemos por meio de depoimentos, o caminho trilhado para reconhecer-me indígena de ascendência e descendência de nação Terena.

Sou Aline da Silva Espindola Cabreira, tenho 21 anos, e nesse contexto faço um breve relato sobre a minha trajetória educacional, a qual foi muito boa e significativa. Os meus pais sempre me proporcionaram oportunidades de vivenciar e dialogar com a escrita e com a leitura, o que me despertou forte interesse pelas tais práticas.

Vale ressaltar que fui criada dentro da comunidade indígena de forma parcial, pois somente meus avós moravam na aldeia, então de certa forma, eu mantinha contato com a nação indígena. Entretanto, isso não fez com que eu deixasse de me identificar como tal, pois sempre soube da minha origem. E nesses pequenos períodos de convívio com a comunidade eu podia perceber laços significantes para mim. E poderia então ser uma Indígena Guateka? Sim poderia, e sou, porque ninguém me impôs, simplesmente é a minha identidade.

Meu avô e bisavós maternos são indígenas Terenos, falantes da língua, já minha mãe não é falante, mas é indígena e meu pai não é indígena, portanto não é falante.

Nasci na zona rural, nas proximidades da aldeia Jaguapiru, sempre estudei em escola urbana, por isso não via a necessidade de aprender a língua indígena. Acredito que se fosse estimulada, talvez hoje pudesse ser falante da língua portuguesa e da língua indígena também.

Em 2008, por meio do ingresso numa igreja na aldeia Jaguapiru, (na qual frequento até hoje) que surgiu um interesse inexplicável pela língua Kaiowá, pois ali todos falavam e falam o idioma entre si, e fiquei me perguntando: Não sei falar o terena, a língua que deveria, mas posso aprender outra, afinal sou indígena.

Com meu ingresso na universidade, as coisas mudaram, eu e minha família viemos morar na aldeia, o que me proporcionou a proximidade até a universidade, então o convívio entre os indígenas era diário, e não mais parcial. Via e vejo as dificuldades enfrentadas, os medos, a timidez, e muitas outras coisas ali presentes.

Atualmente sou casada com indígena (falante da língua indígena) da etnia Kaiowá, e ao ver ele com sua família dialogando me proporcionou maior confiança.

Como tenho uma filha de apenas sete meses, desejo que ela seja ensinada na língua indígena, e carregue consigo a sua identificação construída ao longo das experiências vivenciadas por ela entre a língua do pai e minha língua, que ela se identifique como indígena e não tenha medo nem vergonha de dizer isso a todos.

Concluindo, Durante os quatro anos de curso, estudei com indígenas, assim como eu, pude perceber que alguns são falantes da língua indígenas e outros não, eu me encaixo nos não falantes, mas isso não me torna menos indígena, menos importante do que aquele que é falante.

De acordo com tudo o que já presencie e ainda presencio em relação aos indígenas, surgiu o interesse de enunciar o olhar dos indígenas para a língua portuguesa. Porque muitos têm dificuldades? Será medo? Timidez? Ou será falta de oportunidade de dar a eles a voz de expressão dos seus sentimentos? E o que eles realmente pensam de tudo isso?

Para finalizar minha trajetória escolar, deixo a seguinte frase: Eu sou o que se sou pelo simples fato de existir, de conseguir interagir com o meio em que estou inserida. Dialogo o conceito de identidade e a enunciação da linguagem do entre lugar com Bakthin,( 1984), e com Bhabha (2004) e Bauman (2008) as interação das relações territoriais e culturais, a qual pertence o homem do novo milênio.

### 1.1 De que Lugar Estou Falando?

Num processo histórico de construção cultural temos que considerar o aporte historiográfico da constituição do homem ao longo dos séculos, constatar que a educação é relevante diante da reflexão dos fatos históricos. É um instrumento de manutenção do poder oligárquico de ordem eurocêntrica, principalmente quando declaramos o binarismo secular entre as classes dominantes e dominadas.

Em relação às causas indígenas não se institui só a desigualdade histórica, mas a dizimação cultural de nações e etnias de constituição da humanidade. Afinal, esses povos dizimados são considerados alicerces da humanidade.

Apresentando os mais relevantes fatos históricos da Educação indígena desde a Época do Brasil - colônia até a Contemporaneidade, podemos perceber que na época do Brasil - Colônia os indígenas estiveram sob os cuidados e interesses dos missionários



(jesuítas), estes por sua vez usaram o ensino escolar para impor aos povos nativos a implantação da língua portuguesa como Língua oficial, destinando um apagamento cultural linguístico e histórico às diferentes etnias aqui existentes.

Hoje, há cerca de cento e oitenta línguas indígenas sendo que muitas outras já foram perdidas. Mas a língua portuguesa é a que tem mais privilégio e é a língua oficial nas escolas. Mesmo as escolas indígenas, que permitem o ensino da língua materna de uma determinada comunidade, hoje vivem dificuldades para conseguir sensibilizar o valor da língua dos povos.

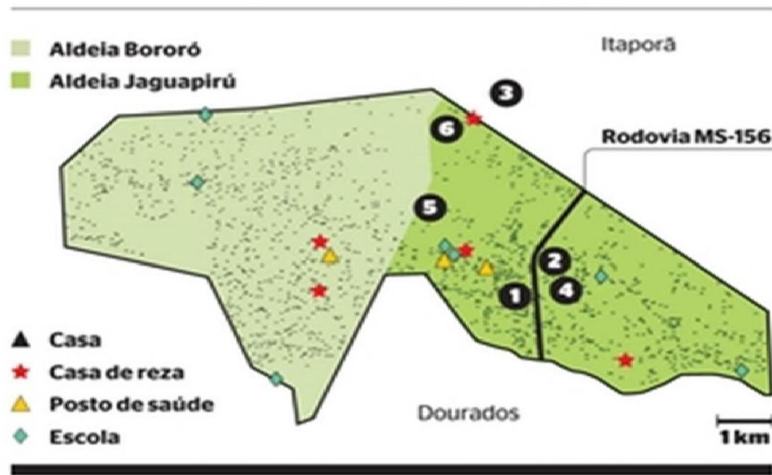
É importante destacar que segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) existem nas aldeias de Dourados (Jaguapiru e Bororó) cerca de doze mil indígenas. Apesar destas informações, estima-se que o número é elevado. Sendo que estas aldeias estão situadas entre dois municípios e conseqüentemente a proximidade entre as aldeias e esses municípios acarretam alguns pontos positivos e negativos, entre os pontos positivos podemos afirmar que os indígenas não estão mais vivendo isoladamente, e negativos se optarmos por observar que devido a esse contato, alguns indígenas precisam conhecer e utilizar a língua portuguesa para poderem se comunicar nesses municípios, o que nem sempre é realizado de forma bem sucedida para alguns.

A Língua Portuguesa, língua oficial do Brasil chegou até os indígenas desde os primeiros contatos, deixando suas marcas nos dias de hoje. O processo de alfabetização dos indígenas das escolas das Aldeias Jaguapiru e Bororó, devem se interessar em investigar e trabalhar em relação à situação linguística a qual esse indivíduo esta inserido, devido aos meios de comunicação e a proximidade da região urbana de Dourados. A importância em manter a língua materna é essencial para o fortalecimento da identidade indígena, em termos de continuidade de valores. Os conhecimentos indígenas são adquiridos pelas crianças por meio de suas observações, interagindo com o espaço e com o ambiente em que estão inseridos.

Localizados numa área menor do que o necessário para sua sobrevivência, os indígenas de Dourados possuem sua língua materna e convivem também com outras línguas. A língua que predomina é o guarani, que convive, ainda, com as línguas Terena e kaiowá.

As três etnias relacionam-se entre si, mediante isso podemos afirmar que, não existe mais a língua nativa, como dos nossos antepassados, existe sim o entre lugar do sujeito no espaço (BHABHA, 2004) e entre lugar da língua (BAHTKIN, 1984). Cada uma com seus valores, culturas e línguas próprias. E ao ingressarem nas escolas surgem os primeiros conflitos com a adesão da língua portuguesa.

Para representar graficamente este espaço do entre lugar podemos perceber na imagem cartográfica ocupada pelos povos indígenas de Dourados.



**Figura 1:** Reserva Indígena de Dourados – os seis pontos destacados referem-se à criação (em 2008) de seis grupos de trabalho compostos basicamente de antropólogos.  
Disponível sobre domínio público em: <http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2011/12/uma-tragedia-indigena.html>

De acordo com LIMBERTI (2003 p. 25): “Internamente, a aldeia de Dourados enfrenta dificuldades intransponíveis. É pequeno, seu território é exíguo, pensado entre a área urbana e rural”.

As ideias defendidas por LIMBERTI (2003) permanecem até os dias atuais, pois os indígenas enfrentam desafios em busca de compreensão e soluções para valorização de suas culturas e línguas. Um dos instrumentos para valorização pode ser por meio das Escolas. Não podemos desconsiderar que a oralidade indígena é um saber milenar transmitido de pai para filho, e tem sua importância na construção da identidade, da liberdade na aquisição do saber.

Ressaltamos que o sistema educacional, diante do aprender natural desqualifica este conhecimento quando instaura o engessamento curricular da escola ocidental, pois valoriza mais a formalização do conhecimento em detrimento da informalidade desse saber.

Por este motivo defendemos as matrizes e não as grades curriculares, literalmente entendidas como correntes e jaulas que cerceiam o ser humano na liberdade e construção do saber.

É nesse diálogo, que Meliá (1972) expõe claramente em seu poema: *como ensinar a ler a quem não sabe. (ay del que ensena a ler al que no sabe)*, que iremos analisar no terceiro capítulo de nossa pesquisa.

O espaço circunscrito da nossa pesquisa pertence a Reserva Indígena, cujo nome é Francisco Horta Barbosa, nesse espaço geográfico encontra-se a Aldeia Jaguapiru. Nossa aldeia possui três escolas municipais e uma escola estadual, denominada Escola Estadual Intercultural de Ensino Médio Guateka Marçal de Souza, escola esta escolhida para participar de nossa pesquisa.

Algumas escolas propõem o ensino bilíngue: português, Kaiowá, a até mesmo o Terena, além do inglês, outras optam por só inserirem a língua portuguesa, a qual a população considera importante para que futuramente possam integrar-se entre si, conseguir um emprego e até mesmo ingressarem nas universidades.

Grande parcela da população indígena infantil tem sua língua materna como oficial e usam o português em situações corriqueiras, por isso quando chegam à escola percebe-se as dificuldades enfrentadas para serem alfabetizadas na língua portuguesa, pois a língua materna é desconsiderada na alfabetização, ou seja, são obrigadas a serem alfabetizadas na segunda língua, obedecendo assim a imposição curricular. Embora os projetos pedagógicos e a proposta curricular quanto ao ensino indígena seja diferenciada, o mesmo não é respeitado diante da realidade dos Guateka.

Percebemos que a sombra ocidental ainda paira e rege as práticas sociais e culturais no interior da escola indígena, pela obrigatoriedade da grade curricular, portanto em pleno século XXI, estamos ainda reféns das posturas coloniais.

A educação escolar indígena é a construção de um processo histórico, constituída nos princípios da colonização. Desconstruir esta concepção e redimensionar o valor da matriz curricular é desafio das futuras gerações.

Para fundamentar nosso trabalho faremos uma breve retrospectiva histórica, estabelecendo relações da Educação indigenistas com práticas culturais instauradas ao longo dos tempos.

Para Ferreira (2001) a história da Educação Escolar Indígena está dividida em quatro etapas 1) Brasil Colônia – cargo exclusivo de missionários Jesuítas; 2) Criação do – SPI- Sistema de Proteção aos Índios–, em 1910, estendendo-se à FUNAI e outras missões religiosas; 3) Surgimento de organizações não governamentais e movimentos indígenas iniciados nas décadas de 60 e 70, passando pelo período militar; 4) Década de 80, na qual se iniciam os movimentos e organizações dos próprios índios e, posteriormente, vão ter seus direitos garantidos com a Constituição Federal de 1988.

Para a autora, o início de uma etapa não significa necessariamente o término de outra, mas sim o início de novas inovações, orientações e tendências no campo da Educação Escolar indígena.

Estas etapas não perderam seus requisitos, pois atualmente essa divisão ainda está presente na sociedade indígena, o que é perceptível na voz dos próprios Guateka.

Ramos (1988, p. 90) afirma que "A avalanche do processo histórico da conquista abalou enormemente os povos indígenas, transformou suas culturas, mas não os eliminou".

Na Época Brasil - Colônia, as escolas indígenas chegaram juntamente com os portugueses, os quais trouxeram o modelo europeu para ser seguido, bem como, escolas, costumes, religiões, sendo estes aspectos impostos como "corretos" para os povos indígenas que aqui já habitavam.

Com a chegada dos jesuítas os objetivos das escolas indígenas eram evangelizar e catequizar os indígenas, por meio dos ensinamentos de rezas, cânticos, costumes ocidentais, os quais não pertenciam ao povo indígena.

Descrever o processo histórico dos povos indígenas é fundamental para possíveis vicitudes, avanços e desafios desses povos em relação ao letramento e alfabetização da língua portuguesa.

Desconstruindo esta lógica, acreditamos que Meliá proporciona uma reflexão de respeito à alteridade com a seguinte estrofe, citada na revista paraguaia Acción (1972) nº 14 Asunción: *Felizes ustedes los sábios los incontrolables los reacios a los programas a las encuestas.* Transcrevendo em português:

*Felizes vocês  
Os sábios  
Os incontroláveis  
Os reacionários dos programas  
Curriculares das escolares.*

## CAPÍTULO II

### BREVES APORTES HISTÓRICOS: DO ENTENDIMENTO À ALFABETIZAÇÃO AO CAMINHO DO LETRAMENTO

Antes de abordarmos a Educação Indígena e seus instrumentos, apresento neste capítulo o caminho percorrido para os estudos bibliográficos, um aporte histórico sobre alfabetização e letramento. O conceito de alfabetização conduz orientação à referida pesquisa, descrevendo a definição segundo teóricos, para letramento e alfabetização, e a relação entre esses dois elementos.

Durante anos, alfabetizar significou apenas ensinar o aluno a ser capaz de identificar letras, ler e escrever, mas em contrapartida a isso Paulo Freire afirma que alfabetizar, ou seja, ler e escrever, nada mais é, do que aprender a ler o mundo.

É importante ressaltar que aprender a ler e escrever são elementos extremamente importantes para a sobrevivência, mas não é o necessário pra fazer jus à uma competência em língua escrita; que Segundo Soares (1998. p22) “Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita”.

Para Magda Soares a Alfabetização é um “processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita alfabética e ortográfica”. Diante desse contexto vale ressaltar que a escola tem grande importância no processo de alfabetização, entretanto a responsabilidade não é só da entidade educacional, uma vez que os alunos antes mesmo de terem o contato inicial com a escola, vivenciam práticas sociais, as quais acabam interferindo nos seus comportamentos, sejam eles psicológicos, físicos e até mesmo sociais. O aluno quando chega à escola já traz consigo uma grande bagagem que fora adquirida por meio de suas convivências e práticas sociais.

Alfabetização e letramento são fatores importantes para a construção do conhecimento e por isso devem andar unidos. Partindo do pressuposto de que a alfabetização caracteriza-se como um processo de aquisição e também apropriação da escrita de um determinado indivíduo é relevante entendermos o que Soares (2003 p.15) afirma sobre o significado real de alfabetização: é em seu sentido próprio, o processo de aquisição das habilidades de leitura e escrita. Em outras palavras, é saber ler e escrever, mas não só a leitura escrita, mas a “leitura” (compreensão) dos acontecimentos.

Atualmente a sociedade busca encontrar o letramento e alfabetização dentro da instituição escolar, e como já se sabe, há lei obrigatória para o ingresso dos alunos nas

escolas. E em relação ao indígena a Constituição de 1988 juntamente com a LDB (lei de Diretrizes e Bases) garantem aos indígenas o direito de estabelecimentos particulares de organização escolar.

Em foco, temos também o RCNEI<sup>1</sup> (1998), aborda elementos fundamentais de ensino aprendizagem para o Ensino Fundamental. E que foi compreendido que a implantação do Ensino médio dentro das aldeias é um fator muito importante, visto que com isso, os alunos não precisariam se deslocar de suas aldeias até a região urbana para estudar. A pesquisadora de Mato Grosso Doroty de Mato Grosso declara:

Por que o índio quer uma escola de qualidade? Até o quarto ano não está bom? É o que a gente ouve por aí. Desde que construíram esta escola, em 1945, a função da escola foi só alfabetizar. Cadê os índios que passaram pela escola? O nível de estudo de todos não foi além da 4ª série. Então é um desafio de luta para nós. (RCNEI, 1998, p14). Bakairi (1998, p.14)

Pensando nisso, a escola tem papel fundamental no processo de construção do letramento e alfabetização, e ainda temos a ideia da escola como um local constituído de regras e normas, e que organizamos alunos por sua faixa etária, de acordo com (SOARES, 2001), esse é processo de alfabetização.

É por meio da linguagem que os povos, modificam e transmitem seus conhecimentos, suas culturas de geração a geração. De acordo com Silva e Moura (2000, p. 11-12), as línguas constituem uma hierarquia, quanto mais alto estiver nessa hierarquia, mais valorizada será. Assim, sabe-se que as línguas indígenas dominantes em nosso país foram consideradas inferiores, e passaram a ser combatidas pelos colonizadores, os quais impuseram a língua portuguesa como língua materna. É importante destacar se queremos valorizar uma educação intercultural precisamos conceber a naturalidade. Os saberes milenares dos Guateka, a alfabetização e letramento secular adquirido pelas gerações ancestrais.

O português não é a única língua falada no Brasil, existem muitas línguas diferentes, pois, é um lugar em que convivem muitos povos e culturas diferentes devido ao grande fluxo de imigrantes que vieram de vários lugares do mundo para o nosso país. Dentre estes povos estão os indígenas, residentes aqui desde época do descobrimento.

Quando a escola foi implantada em área indígena, as línguas, a tradição oral, o saber e a arte dos povos indígenas foram discriminados e excluídos da sala de aula. A função da escola era fazer com que estudantes indígenas desaperdessem suas culturas e deixassem de ser indivíduos indígenas.

---

<sup>1</sup> RCNEI- Referencial Curricular nacional para as Escolas Indígenas, documento instituído em 1988, cuja função é ajudar os docentes em suas práticas educacionais.

Historicamente, a escola pode ter sido o instrumento de execução de um política que contribuiu para a extinção de mais de mil línguas. (FREIRE, 2004, p23)

Para que os indígenas pudessem compreender os jesuítas, eles viam-se obrigados a aprender a nova língua, a qual passou a servir um instrumento de poder para induzir a imposição e aprendizagem da língua portuguesa.

Entretanto, mesmo com o desrespeito por parte das ações dos colonizadores perante os indígenas, essas sociedades, felizmente sobreviveram a todo extermínio físico, como declara Meliá:

Esses povos não só superaram a prova do período colonial, mas também os embates da assimilação e da integração de tempos mais recentes. Como o conseguiram? E até que ponto mantiveram sua alteridade e sua identidade? Os povos indígenas sustentaram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais uma foi precisamente a ação pedagógica. Em outros termos, continua havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas (MELIÁ, 199, p. 1-12)

Cada indígena tem a sua identificação Hall (2006) e são muitas, que eles necessitam constituir e até mesmo reconstruí-las diariamente e que certamente os desafia, porque essa identidade, ao mesmo tempo em que surge na individualidade, também é apresenta, pela curta distância entre a aldeia e a cidade, o desejo de estar inserido na sociedade não indígena, apontando para aquilo que Hall (2006, p. 47) definiu como “significados culturais, um foco de identificação e um sistema de representação construindo sua identidade no interior dessa cultura”.

Pensando na construção da identidade convém relaciona- lá com a necessidade do povo indígena a necessidade de aprendizagem e da língua “oficial” do país, uma vez que todas as leis estão escritas em português, e esse conhecimento permite que a sociedade indígena tenha contato com informações variadas. Limberti (2009) afirma que por meio da língua os indígenas:

[...] mantêm sua unidade e, por que não dizer, sua identidade. Entre si, comunicam-se apenas em seu próprio idioma, independentemente do lugar em que estejam e da presença do branco. Essa atitude representa uma deliberada ostentação de poder, pois a ambientação lingüística delimita o campo de atuação de seus falantes, fazendo deles um grupo fechado e impenetrável. Além de neutralizar a atuação do grupo circundante de idioma diverso, fragiliza-o em sua presença, quer pelo isolamento em que o coloca, quer pela incontestável invulnerabilidade que sua atitude representa. Aprendem a língua portuguesa apenas quando vão à escola e só fazem uso dela para se comunicar com brancos. A imposição de uma segunda língua sobre a língua materna extrapola o âmbito léxico gramatical e atinge o âmbito

ideológico, posto que, enquanto outro código de significação, ela consiste em outro sistema de representação. (LIMBERTI 2009, p. 26)

Entretanto, os povos indígenas que aprendem a língua portuguesa, cada um tem seu próprio modo de falar, e quase sempre são falas e escritas marcadas pela sua língua indígena, e são esses modos que devem ser respeitados tanto dentro do ambiente escolar como fora, já que também são “atestados de identidade indígena” (RCNEI, 1998, p123).

Os jovens indígenas têm uma intensa circulação entre a Reserva e a cidade. Marcados, por um lado, pela discriminação dos não-índios e, por outro, por uma convivência intensa com a cidade, esses jovens negociam, o tempo todo, suas identidades (ALCÂNTARA, 2007a, p. 72-73).

Quando falamos em educação não podemos desconsiderar o termo interculturalidade, o qual é um dos principais princípios do RCNEI, e que muitas vezes há confusão entre os termos interculturalidade e multiculturalismo, de acordo com alguns autores, multiculturalismo refere-se a um determinado objeto, existência de culturas, mas não ocorre a relação entre elas, ao contrario do interculturalismo, faz referência ao diálogo entre culturas.

A Interculturalidade está além da simples convivência entre culturas, pois envolve desde religiões, costumes, relações até saberes e fazeres de cada ser humano, isto é pura etnografia. A interculturalidade é algo que sempre existiu, pois sempre houve contato e relação entre os povos do mundo todo, este é um dos fortes motivos de união do Guatekas.

O diálogo intercultural é uma oportunidade para que as diversas vozes existentes possam ser ouvidas. É importante criar um ambiente onde as pessoas interajam naturalmente entre si, sem distinção de raça ou religião, e o principal, sem distinção de Língua.

A interculturalidade tem origem no campo da discussão sobre o multiculturalismo, que segundo Hall (2003) está vinculado às estratégias adotadas para o governo e administração de problemas de diversidades proporcionados pelas sociedades multiculturais. Enquanto que a Interculturalidade tem o objetivo de acolher o encontro das diferenças, o multiculturalismo tem como princípio o conhecimento sobre o outro.

É a partir desse pressuposto que a nossa pesquisa, por meio da “escuta de vozes” sobre a realidade dos indígenas em relação à língua portuguesa quer fazer, ter o



privilégio de “conhecer” (em termos menos abrangentes) o outro, conhecer suas reais situações e suas respectivas indignações e concordâncias.

Não se pode ignorar que os alunos (indígenas ou não) quando começam a frequentar a escola, já possuem conhecimentos sobre a oralidade de sua primeira língua independente de qual seja.

A experiência oral que a criança traz para a escola é a da conversação do dia-a-dia com as pessoas com as quais convive e com as quais compartilha referências culturais. Nessas situações, a compreensão se dá, geralmente, com muita facilidade, porque todos se conhecessem e conhecem bem o assunto sobre o qual estão falando. (RCNEI, 1998. p.126)

Mediante essas informações é aceitável afirmar que a história oral é uma fonte importante para o registro da memória dos sujeitos sociais. Cada relato individual é a representação sobre o coletivo.

Megale (Apud Machado 2002:24) afirma que tudo que o homem faz, aprendeu com seus semelhantes num processo acumulativo. Desta maneira, é por meio da oralidade, que o indivíduo recebe informações sobre o conhecimento acumulado pela cultura que convive. Sendo assim convém afirmar que a língua é o resultado da cultura, e não haveria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver a língua.

CAPITULO III  
ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO INDÍGENA NA ESCOLA ESTADUAL  
INTERCULTURAL DE ENSINO MÉDIO GUATEKA MARÇAL DE SOUZA E  
SUAS REPRESENTAÇÕES.

*“[...] um local de um sadio pluralismo de idéias, uma escola moderna; uma escola alegre, competente, científica, séria, democrática, crítica e comprometida com a mudança; uma escola mobilizadora, centro irradiador da cultura popular, á disposição da comunidade, não para consumi-la, mas para recria-la. O saber adquirido na escola não é um fim em si mesmo, é um instrumento de luta pela transformação social”. (FREIRE, 1985, p.15)*

Para Freire a escola é um espaço de vida e ação, um local comprometido com a mudança e esteja sempre à disposição da comunidade, uma escola com objetivo de recriar a comunidade.

Em conformidade, o Referencial Curricular Nacional (1998, p 24) para escolas indígenas afirma que as características da escola devem ser: comunitária, intercultural bilíngue ou até mesmo multilíngue, específica e diferenciada. Características estas que serão abordadas em detalhes.

Segundo Meliá (1979, p. 12) “[...] Educação Indígena é ensinar e aprender cultura, durante toda a vida e em todos os aspectos” e que, “[...] Descrever a educação indígena no Brasil seria quase descrever o dia-a-dia de todas as aldeias, de todas as comunidades indígenas, que simplesmente vivendo estão se educando” (p.18). Sendo assim é conveniente dizer que a educação se faz na família, pelo ensinamento familiar na comunidade durante toda a vida.

Esse esforço de projetar uma nova educação escolar indígena só será realmente concretizado com a participação direta dos principais interessados- os povos indígenas, através de suas comunidades educativas. Essa participação efetiva, em todos os momentos do processo, não deve ser um detalhe técnico ou formal, mas sim, a garantia de sua realização (RCNEI (1998, p24)

Diante desse panorama, vamos destacar qual a importância da Escola Intercultural de Ensino Médio Guateka Marçal de Souza para a população indígena douradense, bem como o caminho histórico da mesma.

A escola é uma homenagem ao Indígena Guarani Marçal de Souza, era também conhecido como Marçal Guarani, porém seu nome de batismo, feito pela ritual de sua tribo, era Tupã' I (pequeno Deus), o nome de que ele mais se orgulhava. Nasceu em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, em 24 de dezembro de 1920.

Meu nome é Tupã'I.  
 Este é o meu nome, meu verdadeiro nome.  
 Meu nome de batismo pelo ritual Guarani.  
 Quando era pequeno fui batizado por cacique  
 Não sou um homem grande, sou pequenininho.  
 Sou da tribo Guarani.  
 Falo meu idioma e meu dialeto com carinho.

Podemos considerar que Marçal, ou melhor, Tupã'I descreve sua identidade indígena, reconhecendo-se enquanto nação indígena, mesmo sua representação seja reconhecida como Marçal de Souza, ele herda a ancestralidade das representações históricas.

Devido às suas posições ao movimento indígena brasileiro, Marçal já era consagrado e eternizado mesmo com sua morte, com o respeito e a lembrança de todos. De acordo com Tetila (1994, p, 53) Darcy Ribeiro profere em ato público as seguintes palavras em favor de Marçal:

Eu disse recentemente com a minha convicção que em Marçal morria o principal intelectual de Mato Grosso do Sul (sic). Eu sei que está cheio de poetas, de artistas, de romancistas, de autores de livros em Mato Grosso (sic). Mas como intelectual que sou, reconhecido mundialmente, sei quem são os meus irmãos. O intelectual não precisa escrever livro nenhum. O intelectual é o homem que é o espelho de seu povo, a voz dos oprimidos. Marçal foi a mais eloquente voz de defesa da causa indígena que já ouvi. Um homem pequenininho, feinho, banguela, mas que quando começava a falar, se transfigurava. Eu vi públicos, salas de mil pessoas no Rio, em São Paulo, em Campo Grande encandecidos, presos à fala desse intelectual guarani. Tetila (1994, p, 53)

Por meio desta declaração, percebemos que Tupã'I foi um grande representante para a comunidade indígena, uma grande voz de defesa para seu povo e toda comunidade.

Com a implantação do Ensino Médio em 2001 pela SED/MS- Secretaria do Estado o guerreiro foi homenageado, tendo seu nome como o título da Instituição escolar que em primeira instância o curso era uma extensão da Escola Estadual Vilmar Vieira Matos, em parceria entre a Secretaria de SED/MS e a Secretaria Municipal de Educação de Dourados – SEMED. A princípio, as aulas eram ministradas na Escola

Municipal Francisco Meireles, logo em seguida foi construído a escola feita com madeira e a cobertura de sapé.



FIGURA 2- Antiga Escola Guateka. Disponível em:

<http://www.geraldoresende.com.br/imprensa/noticias/reserva-indigena?p=3>

### 3.1 Espaço físico da Escola

De acordo com o PPP/2014 (Projeto político Pedagógico) da Escola em 2001 em julho de 2005, o Ensino Médio deixou de ser extensão e integrou-se à Escola Estadual de Ensino Médio Intercultural Guateka – Marçal de Souza, criada por meio do Decreto Estadual 11.867, de 02/06/2005, a qual funcionou até o término do ano letivo. No começo do ano de 2008 a escola iniciou suas atividades no galpão da FUNAI, local que foram colocadas divisórias, além disso, não havia iluminação, dificultando assim o ensino aprendizagem, sem contar que em dias de chuva e vento era impossível realizar qualquer tipo de atividade.

Somente em novembro de 2009 foi inaugurado um novo prédio moderno de alvenaria, o qual abrange seis salas de aulas, secretaria, salas de professores, sala de informática, cozinha. Em 2012 foram fornecidos o ensino médio nos períodos: matutino, vespertino e noturno, além de oferecer o Projeto de Educação de jovens e Adultos (EJA), no período noturno.



**FIGURA3-** Prédio da escola Guateka, substitui casa de pau a pique que existia anteriormente.

### 3.2Corpo docente

O corpo docente da instituição é constituído por cinquenta por cento de professores indígenas e cinquenta por cento por professores não indígenas, isto foi feito por meio de um acordo com lideranças indígenas, justificando-se pelo fato de não haver professores indígenas formados em todas as áreas.

Um fator muito relevante de se destacar é que a escola Guateka, assim como outras escolas, aderiu às línguas indígenas, dentre elas guarani e terena como disciplinas curriculares além do português e o inglês, então se considerarmos um aluno falante da língua guarani, por exemplo, ele terá que aprender mais três línguas: terena, português e inglês. Além do mais a escola encontra dificuldade em trabalhar as línguas: terena e guarani devido à falta de materiais necessário.

### 3.3 Missão da escola

De acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola a sua missão é: Educar buscando construir uma sociedade justa, promover a cultura por meio da valorização e divulgação de conhecimentos e das riquezas indígenas presentes no local.

A relação entre a escolar e comunidade é bastante viável, visto que são feitas reuniões e projetos com o intuito de atrair a comunidade, além de haver a realização de projetos envolvendo alunos e professores. Neste ano de 2014 houve a contratação de professores para o desenvolvimento de projetos, dentre eles: xadrez, pintura e violão.

Estabelece ainda parcerias com as universidades, priorizando a presença de acadêmicos indígenas. Há ainda parcerias com o Exército e com a SESAI<sup>2</sup> para a realização de palestras no decorrer do ano letivo.

Num país em constantes contrastes como o nosso, onde há a presença de desigualdades econômicas, sociais, e culturais a função da escola é formar cidadãos críticos, e que estejam cientes de seus deveres e direitos.

Atualmente a Educação escolar indígena vive dilemas graves em relação à efetivação do que está assegurado em textos normativos e legais. O processo de desenvolvimento dessa educação está sob o viés da interculturalidade, do bilinguismo ou até multiculturalismo, faz-se então necessário a resolução de alguns impasses: a falta de recursos, por exemplo, sejam eles materiais ou até mesmo psicológicos.

Não adianta ter leis, se a escola indígena diferente não for diferente. Até agora a escola diferenciada só está no papel. A gente já falou muito sobre escola indígena diferente, mas na prática as coisas demoram muito para mudar. A gente não quer que a nossa história e a nossa cultura se percam. Por isso, muitas comunidades indígenas estão fazendo seus próprios currículos, do jeito que elas acham bom. Agora temos leis que falam de educação indígena. As leis estão do nosso lado e nós vamos lutar para que sejam cumpridas<sup>3</sup>.

A interculturalidade abrange o direito e respeito às diferenças. Catherine Walsh (2007) compreende a interculturalidade muito mais do que simples interrelação, mas uma ligação entre poder político e espaços geográficos, na busca de da construção social, política, cultural e ética.

A comunidade escolar pode exercer um papel importante na superação do binarismo, é nesse ambiente que o processo de socialização estabelece as relações com

---

<sup>2</sup> Secretaria Especial de Saúde Indígena, criada em outubro de 2010, surgiu a partir da necessidade de reformulação da gestão da saúde indígena no país, demanda reivindicada pelos próprios indígenas .

<sup>3</sup> Depoimento da Prof.<sup>a</sup> Maria de Lourdes, Guarani do Mato Grosso do Sul (apud GRUPIONI, 2004:51).

os sujeitos, ou seja, nas instituições familiares, escolares, jurídicas, isto é, nas diferentes áreas, a escola possui uma grande representação social.

A interculturalidade está presente nas discussões do RCNEI (1998) sobre as características de uma escola indígena:

Intercultural:

Porque deve reconhecer e manter a diversidade cultural e lingüística; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, lingüísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior à outra; estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social e política.

É fundamental que a escola indígena, **não só ela, mas todas** (grifo nosso) deva ser inserida no contexto da interculturalidade, que Catharine Walsh (2007) afirma que esse termo vai contras a geopolítica do conhecimento. É conveniente que esta proposta seja materializada promovendo as vozes dos Guatekas.

A interculturalidade, como parte constituinte da escola indígena é questão significativa, dada a importância de refletir sobre a autonomia dos povos indígenas.

Muitas vezes quando pensamos em interculturalidade a ideia que temos é que duas ou mais culturas se relacionam entre si de alguma maneira. Entretanto esse termo vai mais além tendo seus vínculos ao conhecimento.

A interculturalidade defendida nesta pesquisa está relacionada a partir do contato que pode acarretar o abandono de algo ou de alguém, um tipo de substituição, causando tristeza para uns e de alegria para outros. Por exemplo: Um determinado professor, que não convivi nas comunidades indígenas pode ganhar interesse pelo aluno indígena que começa a utilizar “corretamente o “s” como demarcação de plural das palavras em português, entretanto para os indígenas mais velhos podem compreender esta gramaticalidade como uma negação para a língua indígena e tradições. Isso se justifica pelo simples fato de que na Língua Kaiowá, por exemplo, não existe marca de plural determinada como no português.

A essa capacidade de dialogar e compreender duas ou mais línguas é o que chamamos de bilinguismo e deve também ser uma das características da escola indígena, como declara o RCNEI (1998. p 24):

Bilingue/multilingue:

Porque as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento e a prática religiosos, as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas são, na maioria dos casos manifestados através do uso de mais de uma língua. Mesmo os

povos indígenas que são hoje monolíngues em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilingüismo simbólico importante.

Além ser bilíngue a escola deve ser comunitária, ou seja, articulada aos anseios da comunidade, promovendo uma aliança entre os profissionais e a comunidade, trabalhando por meio do diálogo e participação comunitária.

Comunitária:

Porque conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios. Isto se refere tanto ao currículo quanto aos modos de administrá-la. Inclui liberdade de decisão quanto ao calendário escolar, à pedagogia, aos objetivos, aos conteúdos, aos espaços e momentos utilizados para a educação escolarizada.

Levando em consideração que com a colonização do Brasil o povo indígena foi vítima de atrocidades impostas, um desses meios foi a escola legitimamente à moda europeia. Os indígenas convivem com seus conhecimentos e saberes indígenas totalmente ignorados até os dias atuais.

A escola entrou na comunidade indígena como um corpo estranho, que ninguém conhecia. Quem a estava colocando sabia o que queria, mas os índios não sabiam, hoje os índios ainda não sabem para que serve a escola. E esse é o problema. A escola entra na comunidade e se apossa dela, tornando-se dona da comunidade, e não a comunidade dona da escola. Agora, nós índios, estamos começando a discutir a questão. (KAINGANG APUD FREIRE, 2004:28).

Em concordância Meliá (1972) em seu poema: AY DEL QUE ENSEÑA A LEER AL QUE NO SABE (COMO ENSINAR A LER A QUEM NÃO SABE) dialoga sobre a imposição da alfabetização, caracterizando-a como uma senzala, onde os seus seguidores devem seguir corretamente seus preceitos e desígnios.

### 3.4 A LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS INDÍGENAS: UMA PROBLEMÁTICA?



AY DEL QUE ENSEÑA A LEER AL QUE NO SABE <sup>4</sup>	COMO ENSINAR A LER A QUEM NÃO SABE
Bartomeu Melià	Bartomeu Melià
<p>Aunque la escritura no haya podido consolidar los conocimientos, era tal vez indispensable para dar firmeza a las dominaciones... La lucha contra el analfabetismo se confunde así con el refuerzo del control sobre los ciudadanos por el poder            Claude Lévi-Strauss, Tristes tropiques</p>	<p>Embora a escola não possa consolidar os conhecimentos, era talvez indispensável para dar firmeza às dominações... A luta contra o analfabetismo se confunde assim como o apio do controle dos cidadãos pelo poder.            Claude Lévi-Strauss, Tristes tropiques</p>
<p>Felices ustedes            los grandes            los serenos            los profundos            los insobornables            los independientes</p>	<p>Felizes vocês            Os grandes            Os serenos            Os profundos            Os insubornados            Os independentes</p>
<p>Felices ustedes            los a-n-a-l-f-a-b-e-t-o-s            los que no leen siquiera el ABC            los que no fueron acorralados por la civilización ni marcados con las letras del amo ni domados en una escuela            los que siempre han logrado pensar salvajemente y no repiten de memoria como loros en coros            los catecismos del estado de sitio            –niño, rápido, no pienses! –</p>	<p>Felizes vocês            Os a-n-a-l-f-a-b-e-t-o-s            Os que não lêem sequer o ABC            Os que não foram acurralados pela civilização            Nem marcados com as letras do mestre            Nem domados numa escola            Os que sempre são levados a pensar selvagememente            E não decoram como papagaios em coro            Os catecismos como estado de sítio            Criança rápida, não pensa!</p>
<p>felices ustedes            los sabios            los incontrolables            los reacios a los programas            a las encuestas            a los registros            a las ideas universales establecidas            -establecidas Dios sabe por quién            y con qué medios–</p>	<p>Felizes vocês            Os sábios            Os incontroláveis            Os reacionários dos programas            Das escolas            Dos registros            Das ideias universais estabelecidas            Estabelecidas Deus sabe por quem?            E com e porque meios?</p>
<p>felices ustedes            los inmanejables analfabetos            los inservibles los inútiles            la gran pesadilla de los planificadores</p>	<p>Felizes vocês            os imagináveis analfabetos            Os inservíveis dos inúteis            Os grandes planejadores do pesadelo.</p>

<sup>4</sup> .PASSOS apud MELIÀ. FUE PUBLICADO EM LA REVISTA PARAGUAYA ACCIÓN, n° 14  
 Asunción 1972

<p>el fracaso de los gobiernos el escándalo de las naciones en vías de asimilación</p> <p>felices ustedes quienes desconfían de la letra uniforme y militarmente ordenada en columnas quienes quieren ver la cara del que dice la palabra</p> <p>porque de ustedes es el reino de la palabra el reino de la palabra dada y recibida guardada como se guarda la semilla en la tierra madre la palabra junto al fuego –lengua de fuego– en la mañana del mate en la noche del velório</p> <p>felices ustedes cuando les persiguen por decir la verdad aquella verdad no aprendida en ninguna escuela aquella verdad no escrita en ningún libro –y nadie se explica de dónde la sacaron ustedes–</p> <p>Felices ustedes los an-alfa-betos porque de ustedes es el reino de la profecía siempre esperada, siempre temida nunca cumplida, siempre asesinada cuando tiene exactamente treinta y tres años</p> <p>y ay de ustedes     los escribanos y los letrados     los letrados que se las saben todas y más     que hicieron de la trampa un arte     y de la explotación una ley de la vida</p> <p>ay de ustedes     los escribanos del statu quo y de la propiedad     privada     –trasladaron al papel sellado     el robo de las tierras de los indios     –documentaron los derechos     sagrados     sagrados derechos de los conquistadores     tranquilamente     como quien escribe una carta a su tía     en el día de su cumpleaños     –que lo dice el refrán     la letra con sangre entra–</p>	<p>Do fracasso dos governos O escândalo das nações em vias de assimilação.</p> <p>Felizes vocês Quem desconfia da letra uniforme E militarmente ordenada em colunas Quem quer ver a cara de quem disse a palavra</p> <p>Porque de vocês é O reino da palavra O reino da palavra dada e recebida Guardada Como se guarda a semente em terra mãe A palavra junto ao fogo Lenha de fogo E na manhã o mate E na noite o velório</p> <p>Felizes vocês Quando lhes perseguem por dizerem a verdade Aquela verdade não aprendida em nenhuma escola Aquela verdade não escrita em nenhum livro E nada explica o lugar sagrado de vocês.</p> <p>Felizes vocês Os na-alfa-betos Porque de vocês é o reino da profecia Sempre esperada, sempre temida Nunca cumprida, sempre assassinada Quando tem exatamente trinta e três anos</p> <p>E ai de vocês Os escrivães e os letrados Os letrados que sabem tudo e mais Que faz uma armadilha de arte E da explosão de uma lei de vida</p> <p>Ai de vocês Os escrivães do statu que é de propriedade privada Transladaram o papel selado O roubo das terras dos índios Documentaram os direitos Sagrados Sagrados direitos dos conquistadores Tranquilamente Como quem escreve uma carta a sua tia Em dia de aniversário Que diz o ditado A letra com sangue entra</p>
--	---

<p>ay de ustedes  los alfabetizadores  almaceneros  y funcionarios  fabricantes del texto único  del monopolio  de la burocracia  linda ocupación suya tan altruista  de proporcionar al pueblo  letras  letreros  y grandes frases  -la llave de la puerta del jardín es verde  -todo va mejor con soda  -alfabetizar es hacer pátria</p>	<p>Ai de vocês  Os alfabetizadores  Merceeiros  E funcionários  Fabricantes de texto único  do monopólio  da burocracia  lida ocupação sua tão altruísta  de proporcionar ao povo  letras  letreros  e grandes frases  a chave da porta do jardim verde  tudo é melhor com soda  alfabetizar é fazer pátria</p>
<p>ay de ustedes  los censores, metidos a periodistas, cocineros  de noticias  aduaneros de ideas  porque de noche vendrán  sin que ustedes se lo esperen  quienes escriban su grito  rojo y negro  de libertad  sobre los muros del pueblo</p>	<p>Ai de vocês  Os censores, metidos a periodistas, cozinheiros de  noticias.  Alfandegas de ideias  Porque a noite virá  Sem que vocês a esperem  Quem escreve seu grito  Roxo e negro  De liberdade  Sobre os muros do povo</p>
<p>ay de ustedes  los escribas  intérpretes de escrituras  sagradas  que promueven la guerra santa  justifican la santa inquisición  defienden el sagrado derecho  de la familia, la tradición y la  propiedad</p>	<p>Ai de vocês  Os escribas  Interpretes de escrituras  Sagradas  Que promovem a guerra santa justificam a santa  inquisição  Defendem o sagrado direito  Da família, a tradição e a propriedade.</p>
<p>letras  muchas letras  de todos los tamaños de todos los estilos  letras viejas letras sonsas letras en conserva  para la boda  para el epitafio  para el testamento  en un corazón indeletrable</p>	<p>Letras  Muitas letras  De todos os tamanhos de todos os estilos  Letras velhas letras sonoras letras paradas  Para bodas  Para o epitafio  Para o testemunho  Em um coração iletrado.</p>

Ele afirma em seu poema: “Felices ustedes los a-n-a-l-f-a-b-e-t-o-s los que no leen siquier el ABClos que no fueron acorralados por la civilización ni marcados com la letras del amo ni domeados em uma escuela...” ou seja, felizes são os analfabetos, que não sabe se quer o ABC, os que não foram encurralados pela civilização, nem marcados com as letras do mestre nem domados em uma escola”. Somente neste trecho do poema é perceptível que quem não sabe nem as letras do alfabeto é feliz, porque não carrega consigo a marca dos domados por esse alfabetismo.

Afirma ainda: “de ustedes es el reino de la palabra el reino de la palabra dada y recibida”. Dos analfabetos é o reino das palavras, o reino da palavra dada e recebida, logicamente porque eles poderiam fazer delas o que bem entendessem, não precisando preocupar-se com toda carga de regras estabelecidas.

O ensino de língua portuguesa nas comunidades indígenas, seja na escola ou na própria casa torna-se um desafio, levando em consideração as peculiaridades culturais desse povo. Assim, a princípio faz-se necessário levantar alguns questionamentos, como: Qual a importância da língua portuguesa e da sua língua materna para essas comunidades indígenas? Onde eles exercitam sua língua materna? E as dificuldades enfrentadas com o português?

É preciso primeiramente, refletir sobre a real importância e o lugar que a língua portuguesa ocupa dentro de cada comunidade indígena. O indivíduo indígena carrega o peso da colonização, a imposição da língua portuguesa um instrumento de colonização imposto por finalidades políticas e religiosas.

Considerando a pesquisa etnográfica aqui descrita, é ouvindo as vozes existentes na comunidade (crianças e adultos) que podemos identificar as reais situações e dificuldades existentes e porque algumas não foram sanadas.

Maher (2006) afirma que:

O português do índio é um português muito colorido, muito criativo e não há, cientificamente, motivo algum para pensar que ele não seja uma forma legítima de utilização dessa língua. Aqueles que acreditam que essa seria uma variedade bastarda, ilegítima da língua nacional, o fazem por operarem com uma noção equivocada do que seja uma língua.

A língua portuguesa é hoje um dos mecanismos centrais das escolas indígenas e tornou-se um meio eficaz de comunicação entre sociedades. Segue abaixo um discurso

sobre a importância da língua portuguesa e da língua indígena, proferido pelas três etnias:

A língua portuguesa é importante porque é a única que nos leva pra tê contato com as pessoas que queremos a nós comunicar. Porque vivemos na época que é tudo português. E é importante a minha língua ( o Caiuá) para mantê a cultura. Se a base de nós comunicar conforme o criador nos fez, pra não perde a comunicação original da língua”. (Aluna Kaiowá)

A língua portuguesa é importante para a comunicação e aprendizagem na escola e no dia-a-dia. E a minha Língua (guarani) é importante porque é chamativo , pra que a gente consiga se comunicar e entender os outros melhor”. (Aluno guarani)

A língua portuguesa pode ser uma importante forma de aprendizagem para o entendimento para nossa comunidade. Porque é com a língua portuguesa que a gente conhece melhor os nosso direitos e as leis que existe . E com isso a gente pode defender nossas ideias”(pai terena)

A língua portuguesa é muito importante para aqueles que falam a língua materna, porque a língua deles, não tem valor lá fora, em tudo que eles vão fazer precisa do português, pra estudar, pra trabalhar, pra fazer tudo, pra eles consegui sobrevive também” (mãe não falante)

O português foi imposto aqui pra nós né, e agora temos que aceitar e se aqueles que falam a língua indígena quiserem sobreviver nessa sociedade precisam aprende o português, porque tudo as leis e direitos q eles tem tá tudo em português” (pai não falante)

As línguas indígenas, antigamente eram ágrafas. O cacique e os mais velhos das comunidades indígenas, sempre contavam histórias, tradições para os mais jovens por meio da oralidade. Para que a cultura não fosse perdida eles repassavam oralmente essas histórias e tradições durante anos.

Condensando as afirmativas dos Guateka (Guarani, Terena, Kaiowá e) há consenso no discurso destes povos, pois a resistência da língua nativa está interligada com a sobrevivência e interação social para inserção no cotidiano contemporâneo.

Nesta lógica, podemos afirmar as ambiguidades culturais presentes nas vozes das diferentes etnias, ou seja, a nação kaiowá defende a essência da ancestralidade como perpetuação da existência cultural. A nação Guarani declara de suma importância a socialização e inclusão social da língua portuguesa e da língua materna. Por fim, a nação Terena defende a conquista dos direitos da cidadania, reafirmando a liberdade e autonomia de ideias no espaço político dos povos indígenas.

Nos fragmentos destinados aos não falantes da língua podemos observar o entre lugar ocupado pelo colonizado e o colonizador, embora o extermínio da língua seja evidente, estes sujeitos cindidos possuem consciência política sobre seus direitos e deveres enquanto nação de resistência indígena.

A partir do momento que os portugueses impuseram a sua língua aos indígenas, os mesmo tornaram-se falantes bilíngues até então eram monolíngues. Desse modo os indígenas aderiram à língua imposta e muitas vezes sua própria língua resistia e era falada apenas no ciclo familiar O que podemos destacar pelas descrições, que a situação de descaso ainda permanece, confirmamos com as vozes abaixo:

O lugar que eu falo seria a família e dentro de casa ,as vezes com parente mais próximo. Quando também se encontra a raça junta seria ali que falamos. ( kaiowá)

Eu falo em qualquer lugar que tenha alguém da minha etnia e que seja falante da língua Caiuá, geralmente falo com os meus parentes, e amigos (guarani).

Eu falo só mesmo com minha mãe e alguns parentes meus, porque a língua terena aqui onde moro praticamente está extinta, ninguém mais fala, e eu uso só na minha casa mesmo, em outros local preciso do português. (pai terena)

Eu vejo que a maioria fala a língua dentro de casa mesmo, onde alguém entende eles, ou as vezes fala com amigos na rua, então, onde tiver alguém que também sabe falar a língua todos falam também. ( mãe não falante)

Quando que os vejo eles conversando é sempre entre eles mesmo, na família, com amigos, onde eles sabem que alguém vai entende eles. ( pai não falante)

Podemos afirmar, de acordo com os três primeiros fragmentos que os mesmos fazem uso da sua língua materna somente com parentes e pessoas que correspondam a eles, não se atrevendo a falarem em outro ambiente.

Prosseguindo nossa discussão das vozes indígenas, os últimos fragmentos caracterizam a ideia de que os não falantes da língua têm consciência dessa resistência da linguagem indígena, e concordam com as vozes anteriores.

Essa resistência é resultado da imposição e encurralamento como destaca Meliá (1972) em seu poema. Conseqüentemente as nações indígenas precisam adquirir essa língua oficial da nação brasileira, sem esquecer de suas raízes linguísticas culturais. Na relação da aquisição de uma língua à outra existem empecilhos e diferenças descritos nas singularidades dos Guateka, os quais são provas reais do caráter concreto de suas identidades. Propomos neste momento, a reflexão de escuta de algumas vozes:

A dificuldade maior é aprender direito o português, porque quem já nasceu falando a língua materna não consegue muda de uma hora pra outra, dura um pouco tempo, muita veze nem isso leva você entender melhor. Só através de muita estudo e também a pratica (aluno Guarani).

A dificuldade maior é a rolação da língua. As veze entra a pronúncia das palavras muito dificio. É o mais intrigante na hora de você fala e o momento de você expressa aquilo que aprendeu a fala de modo as pessoas se vai entende ou não. (aluno Kaiowá)

A gente tem dificuldade mesmo com o português, quando eu era criança mesmo ,tinha medo de fala em português, medo das pessoas rirem de mim poruqe falei errado, nem pedia pra professora p ir no banheiro” ( pai Tereno )

Eu vejo que alguns tem bastante dificuldade de aprender o português, as vezes na fala ainda consegue ,mas na escrita sai tudo errado mesmo, eles as vezes confunde muito as palavras( mãe não falante)

Eles tem dificuldade bastante de fala o português no feminino, por exemplo, eles falam o mesa, o cadeira, e outras palavras pronunciada desse jeito, acho que eles devem confundir né com a língua deles. ( pai não falante)

Os três primeiros fragmentos destacam a dificuldade vivenciada pelos próprios Guateka, percebe-se claramente a imposição e encurralamento da língua imposta nas vozes. E a única forma de sobreviver é aprendendo-a, sem ter ninguém que os ensinem. A declaração das três vozes demonstra que há um receio de não se comunicarem em língua portuguesa, talvez por medo de errar, ou de ser não serem compreendidos.

Nas vozes dos não falantes é perceptível a compreensão em relação ao aprendizado de uma nova língua, assim como qualquer outra pessoa que vá aprender uma nova língua tem dificuldades. A nação indígena é constituída como cultura de linguagem, de pensamento e de temporalidade em uma lógica não cartesiana, existem outras representações e valores na linguagem.

Ao considerar a dificuldade da linguagem, podemos reconhecer que há duas ordens sociais, duas vivências que complementam um mesmo sujeito. Uma, o sujeito indígena e outra o sujeito humanizado pela colonização. O importante é considerar que este homem cindido só tem sua significância se estiver servindo o outro, se estiver compreendendo a alteridade do outro. “Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro”. (FANON, 2008 p.33), este outro pode ser entendido ou estendido na simbologia dos Guateka, que possuem o pertencimento dos dois saberes, e no poder de transformar o mundo que vive.

Atualmente a língua portuguesa alcançou o status de prestígio em detrimento à desvalorização das línguas indígenas, como destaca Alcântara (2007.p 73) na coleta de vozes indígenas, que assim anuncia:

(...) No futuro teremos uma aldeia praticamente urbana, o que aumenta mais a chance de nossos filhos ou parentes não falarem mais a língua materna e fiquem com vergonha de dizer que são índios. Com isso, vai se perdendo a nossa cultura; vamos, pouco a pouco, perdendo a nossa língua materna.

É perceptível na enunciação do fragmento, o conflito da identidade. De acordo com Hall (2003), a partir do momento que as identidades entram em questão a tradição e tradução tornam-se cada vez mais evidentes.

Concordamos com (FOUCAULT, 1986) quando este esclarece que o discurso colabora na construção de conhecimento e crença. Existe neste bojo de sentido cultural discursivo a relação do sentido à linguagem.

É importante ressaltar que uma língua, (abarcando aqui o letramento) não se aprende com tanta facilidade e em um tempo determinado, é por meio das experiências diárias, em conformidade a isso tomamos como referência o poema destacado por Soares (2003, p.40):

### **O que é Letramento?**

Letramento não é um gancho  
em que se pendura cada som enunciado  
não é treinamento repetitivo  
de uma habilidade,  
nem um martelo  
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão  
é leitura à luz de vela  
ou lá fora, à luz do sol.

São Notícias sobre o presidente,  
o tempo, os artistas da TV  
e mesmo Mônica e Cebolinha  
nos jornais de domingo.

È uma receita de biscoito,  
uma lista de compras, recados colados na geladeira,  
um bilhete de amor, telegramas de parabéns e cartas  
de velhos amigos.

È viajar para países desconhecidos,  
sem deixar sua cama,  
é rir e chorar  
com personagens, heróis e grandes amigos.

È um atlas do mundo,  
sinais de trânsito, caças ao tesouro,  
manuais, instruções, guias,  
e orientações em bulas de remédios,  
para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,  
um mapa do coração do homem,  
um mapa de quem você é  
e de tudo que você quer ser.



Ao analisarmos o poema nota-se na segunda estrofe que “Letramento é leitura à luz de vela ou lá fora à luz do sol”, ou seja, que ao contrário do que muitas pessoas pensam, o letramento está além do espaço interior da escola, presente em atividades corriqueiras do nosso dia-a-dia.

Na terceira estrofe, faz referência informações que devemos nos ater bem como em jornais, revistas, sites, diálogos, e até mesmo a leitura por meio de quadrinhos, imagens, gibis, etc.

Na quarta estrofe é a leitura por meio de instruções e comunicação com bilhetes, e-mail, cartas diálogos corporais. Em outras palavras letramento é você mesmo quem o faz e quem o descobre dentro de si próprio.

Assim podemos afirmar que o processo de alfabetização começa muito antes de se saber ler e escrever começa desde os primeiros anos de vida dos primeiros diálogos dos pais com seus filhos, mesmo quando bebês e não corresponderem verbalmente. E é a partir de situações como essas, que muitos confundem letramento com alfabetização, entretanto letramento não é apenas a arte de alfabetizar, mas sim a ação entre letrar e alfabetizar.

]Soares traz uma definição bem clara para isso: “... Alfabetização é a ação de alfabetizar. Letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”. (Soares 2001. P. 31-39).

Em outras palavras o sujeito letrado faz uso da leitura e da escrita em seus convívios sociais. Para Freire (1983, p.49) “[...] alfabetizar-se é adquirir uma língua escrita através de um processo de construção do conhecimento com uma visão crítica da realidade.” Para ele, alfabetização está muito além do domínio de escrita e leitura, de acordo com ele só se aprende ler lendo e escrever escrevendo. Ninguém aprende se não tentar, são com os erros que se aprende, é como andar de bicicleta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a concepção etnográfica da nossa pesquisa, podemos partilhar e reafirmar a importância da identificação do local onde o sujeito vive. É perceptível dialogar e “compreender” o entre lugar do sujeito e da língua ocupado pelos Guateka, os quais foram vítimas de um processo histórico de imposição social, cultural e linguística, e esse entre lugar deve ser respeitado.

Considerando que estamos à mercê da mobilidade cultural, pois, somos fruto do poder do colonizador e da consciência de ser colonizado. Podemos redimensionar nossa existência e ressignificar valores linguísticos, culturais e sociais, permitindo que a mobilidade cultural contribua para a sobrevivência de uma determinada nação, etnia e comunidade, neste sentido é imprescindível o diálogo das diferentes culturas, culturas estas, presentes na escola *Guateka Marçal de Souza*.

São evidentes as singularidades das culturas representadas pelos saberes indígenas em relação aos saberes ocidentais, mas o fato de existir estas diferenças não impede o respeito às diferentes linguagens, princípio este, de significado intercultural.

Observamos por meio do poema de Meliá (1972) e do poema citado por Soares (2003), que há diferenças e semelhanças entre os poemas. Semelhanças quando percebemos a descrição de letramento com algo que não se constrói ou somente no ambiente escolar, mas é constituído ao longo dos dias por meio das experiências vivenciadas, e mesmo que um sujeito não saiba ler ou escrever, não significa que o mesmo não seja letrado, alfabetizado.

A diferença entre a abordagem do poema de Meliá (1972) e Soares (2003) referem-se à dicotomia de olhares, pois enquanto a alfabetização e letramento para um é uma prisão, estabelecida por uma grade curricular, para outro é constituído pela construção diária..

O primeiro poema aborda questões sobre o saber proferido por quem não sabe decifrar códigos, símbolos da escrita ocidental, mas que possuem o saber da liberdade, transmitidos pela sobrevivência e resistência cultural. Exemplo disso é a obra literária:

*Este admirável mundo louco*, (2009) de Ruth Rocha, que aborda a questão curricular, representada pela escola de vidro, no seguinte fragmento: “(...) Aliás, nunca ninguém se preocupou em saber se a gente cabia nos vidros. E pra falar a verdade, ninguém cabia direito”. Nesta forma de enxergar o currículo há uma preocupação com normas e regras. A escola ocidental não trabalha com matrizes de conhecimento e sim

com grades curriculares. Faz-se necessário quebrar os “vidros”, procurando despertar a criatividade.

O segundo poema faz referência a um novo olhar na construção do letramento, um saber que é adquirido desde os primeiros anos de vida, e dos primeiros gestos, e toda criança já traz consigo uma grande bagagem de experiências vivenciadas. Um saber adquirido como diversão e não prisão, e que esse saber é descrito pelas experiências do sujeito. Nesse sentido, a alfabetização só terá sentido quando houver significação, caso contrário será insignificante.

Nessa perspectiva, nossa pesquisa propõe uma ação curricular diferenciada, estando relacionada e interessada aos interesses indígenas e ocidentais, que considere os dois saberes, sem privilegiar um especificamente.

É nesse contexto de união dos saberes que a identidade tem suas raízes, é por meio desta nova proposta que o indivíduo cindido poderá ser compreendido como representante de sua nação.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, M. L. B. de. **Jovens indígenas e lugares de pertencimento: análise dos jovens indígenas da Reserva de Dourados/MS**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Núcleo interdisciplinar do imaginário e memória. Laboratório de Estudos do Imaginário, 2007.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo: Hucitec - UNESP, 1988.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BHABHA, H.K O local da Cultura, Belo Horizonte. Ed: UFMG, 1998;
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986
- FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **A educação escolar indígena: um diagnóstico crítico da situação no Brasil**. São Paulo: Global, 2001.
- FERREIRA, Mariana Kawall Leal (orgs). **Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global, 2001.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro – RJ, Ed. Forense Universitária. 1986
- FREIRE, José Ribamar Bessa. **Trajatória de muitas perdas e poucos ganhos. In: Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis - tempo de novo descobrimento**. Rio de Janeiro: Ibase, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1983.
- FREIRE. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** São Paulo: Cortez, 1986.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Um território ainda a conquistar. In: Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis-tempo de novo descobrimento**. Rio de Janeiro: ibase, 2004.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. Ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DR&A, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IHU-ON-LINE Revista do Instituto Humanitas Usinos. **Merleau-Ponty um pensamento emaranhado no corpo. Giorgio Agamben. Entrevista especial com Rossano Pecoraro. Um filósofo para compreender**

LIMBERT, Rita de Cássia Pacheco. **Discurso indígena: aculturação e polifonia. Dourados**, MS: UFGD, 2009.

MAGDA, Soares. B. **Letramento, um tema em três gêneros**, Belo Horizonte, Ed Autêntica, 1998.

MAGDA, Soares. B. **Letramento, um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte, Ed Autêntica, 2001

MAGDA, Soares. B. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Ed: Autêntica, 2003

MEGALE HEYDE, Antonieta. **Para Além da Linha do Trem: Histórias Sobre Língua e Estigma**. In: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) São Paulo, Anais.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e alfabetização. São Paulo: Loyola, 1979.**

**Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF,1998.. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PASSOS, L.A. O Eu e o outro na Escola: **Contribuição para Incluir a história e a Cultura indígena na história.org**. Beleni. Cuiabá, Ed. UFMT, 2010.

PONTY, M. MERLEAU. A. **A fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro. Edições Gallimard, 1971.

SILVA, Fábio Lopes. MOURA, Heronídes Maurílio de Melo. (org.). **O Direito à Fala; 2.ed. Edi: Insultar, 2000**

TETILA, José Laerte Cecílio\_ **Marçal de Souza TupãII: um guarani que não se cala/** José Laerte C. Tetila-Campo Grande, MS. Ed: UFMS, 1994.172 p;

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, colonialidad y educación. Revista Educación y pedagogía**. Medellín: v19, n 48,p 25-35. 2007

## ANEXOS



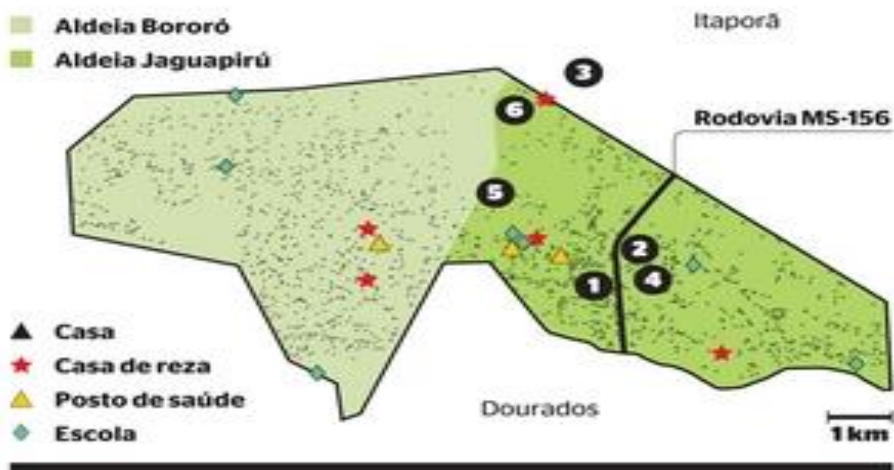
Antiga Escola Guateka



Prédio da escola Guateka, substitui casa de pau a pique que existia anteriormente.

## O favelão indígena de Dourados

Com 3.500 hectares, a reserva de Dourados é uma das oito demarcadas entre 1915 e 1928. Ela recebeu índios retirados de suas áreas tradicionais. É a região mais violenta. Concentra 14 mil índios de 40 diferentes grupos familiares



1. Criança em córrego sujo da reserva 2. O pastor Teodoro da Silva, da etnia terena 3. Pedreira que faz explosões ao lado da reserva 4. Igreja Jesus é o Caminho, uma das 38 do local 5. Vila olímpica abandonada 6. A índia Floriza com dois parentes num dos pilares da casa de reza que desabou (Foto: Filipe Redondo)





## Vozes dos GUATEKAS

### 1. Qual a importância da língua portuguesa para essas comunidades indígenas?

A língua portuguesa é importante porque é a única que nos leva pra tê contato com as pessoas que queremos a nós comunicar. Porque vivemos na época que é tudo português. E é importante a minha língua ( o Caiuá) para mantê a cultura. Se a base de nós comunicar conforme o criador nos fez, pra não perde a comunicação original da língua”. (Aluna Kaiowá)

A língua portuguesa é importante para a comunicação e aprendizagem na escola e no dia-a-dia. E a minha Língua (guarani) é importante porque é chamativo , pra que a gente consiga se comunicar e entender os outros melhor”. (Aluno guarani)

A língua portuguesa pode ser uma importante forma de aprendizagem para o entendimento para nossa comunidade. Porque é com a língua portuguesa que a gente conhece melhor os nosso direitos e as leis que existe . E com isso a gente pode defender nossas ideias”(pai terena)

A língua portuguesa é muito importante para aqueles que falam a língua materna, porque a língua deles, não tem valor lá fora, em tudo que eles vão fazer precisa do português, pra estudar, pra trabalhar, pra fazer tudo, pra eles consegui sobrevive também” (mãe não falante)

O português foi imposto aqui pra nós né, e agora temos que aceitar e se aqueles que falam a língua indígena quiserem sobreviver nessa sociedade precisam aprende o português, porque tudo as leis e direitos q eles tem tá tudo em português” (pai não falante)

### 2. Onde eles exercitam sua língua materna?

O lugar que eu falo seria a família e dentro de casa ,as vezes com parente mais próximo. Quando também se encontra a raça junta seria ali que falamos. ( kaiowá)

eu falo em qualquer lugar que tenha alguém da minha etnia e que seja falante da língua Caiuá, geralmente falo com os meus parentes, e amigos (guarani).

Eu falo só mesmo com minha mãe e alguns parentes meus, porque a língua terena aqui onde moro praticamente está extinta, ninguém mais fala, e eu uso só na minha casa mesmo, em outros local preciso do português. (pai terena)

Eu vejo que a maioria fala a língua dentro de casa mesmo, onde alguém entende eles, ou as vezes fala com amigos na rua, então, onde tiver alguém que também sabe falar a língua todos falam também. ( mãe não falante)

quando que os vejo eles conversando é sempre entre eles mesmo, na família, com amigos, onde eles sabem que alguém vai entende eles. ( pai não falante).



### 3. Quais as dificuldades enfrentadas com o português?

A dificuldade maior é aprender direito o português, porque quem já nasceu falando a língua materna não consegue muda de uma hora pra outra, dura um pouco tempo, muita veze nem isso leva você entender melhor. Só através de muita estudo e também a pratica (aluno Guarani).

A dificuldade maior é a rolação da língua. As veze entra a pronúncia das palavras muito difício. É o mais intrigante na hora de você fala e o momento de você expressa aquilo que aprendeu a fala de modo as pessoas se vai entende ou não. (aluno Kaiowá)

A gente tem dificuldade mesmo com o português, quando eu era criança mesmo ,tinha medo de fala em português, medo das pessoas rirem de mim poruqe falei errado, nem pedia pra professora p ir no banheiro” ( pai Tereno )

Eu vejo que alguns tem bastante dificuldade de aprender o português, as vezes na fala ainda consegue ,mas na escrita sai tudo errado mesmo, eles as vezes confunde muito as palavras( mãe não falante)

Eles tem dificuldade bastante de fala o português no feminino, por exemplo, eles falam o mesa, o cadeira, e outras palavras pronunciada desse jeito, acho que eles devem confundir né com a língua deles. ( pai não falante)



**CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-  
INGLÊS  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS**

Dourados, 04 de agosto de 2014

Ofício 03/2014

Prezado Senhor,

O curso Letras Habilitação Português - Inglês solicita autorização para a acadêmica Aline da Silva Espíndola Cabreira, realizar entrevistas com os alunos do ensino médio desta escola durante o segundo semestre do corrente ano. Os dados das entrevistas serão utilizados na elaboração do trabalho de conclusão de curso com o título "PROBLEMATIZANDO E DIALOGANDO: O OLHAR INDÍGENA NA COMPREENSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA", sob orientação da Prof<sup>a</sup>. MSc. Adma Cristhina Salles de Oliveira.

Agradecemos a atenção dispensada, aguardamos o seu parecer e subscrevemo-nos,

Atenciosamente.

**Prof<sup>a</sup>. Adma Cristhina Salles de Oliveira**  
Coordenadora  
Curso de Letras Habilitação Português-Inglês

Adma Cristhina Salles de Oliveira  
Curso de Letras Habilitação Português-Inglês  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

**Osmarilda dos Santos  
Pires Araujo**  
Diretora  
Res. P. SEED nº 658/12